

# A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO

BIBLIOTECA NACIONAL  
S.L.R.

892

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 22 DE JULHO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 33

## EXPEDIENTE

Anno. . . . . 6000

### A NOSSA PROPAGANDA

Por motivos justíssimos o nosso companheiro sr. Eugenio Augusto Pinto interrompeu a sua viagem de propaganda deste periodico, depois de ter durante tres meses percorrido uma parte da província de Minas.

Assumindo de novo o seu lugar ao nosso lado, sempre-nos agradecer aos nossos colegas e correligionários d'esta província a gentileza e fina cortezia com que foram recebidos A Democracia e o seu representante.

Rio, 22 de Julho de 1887.

### CHRONICA POLITICA

Já faltaram os abonados.

O governo é dos endinheirados, ou dos trapaceiros; para que ocupar-nos com as suas trácas?

Está bem visto que nenhum dos tres votados representa a opinião collectiva. As cousas porém pissaram-se de modo a provar mais uma vez que a nação está entregue á cabala desenfreada e ás macilências de ousados farantes.

Causa dô contemplar-se que quando mais urgem as circunstâncias, quando assoma de toda a parte, servido e irrepressível, o anhelito para uma transformação radical, quando ao proprio tempo se libram sobre nossas cabeças catastrophes medonhas, ainda medrem as multitudes e sobre-sabiam os protótipos d'obscurantismo!

Quem se não sentir compungido diante do espetáculo que assistimos pela representação do *steeples-class* senatorial, achar-se-ha talvez inclinado a soltar gargalhada homérica pelos chistosos incidentes da encenação.

Podíamos comparar o partido liberal ao sabio burro de circo e o sr. Malvino ao clown. Quanto mais se esforçava este ultimo em dourar o seu agradável quadrupede, mais couces e círculos desferiam os ares.

Quant a dedicação e quantos sacrifícios para tão ruim causa!

Tivesse a verdadeira democracia um campeão denodado como o sr. Malvino, outros horizontes sorriam ao futuro da pátria. Mas a espontaneidade de ação, o ardente entusiasmo em prol de umas tantas iléas, pois essa justiça lhe fazemos — a da pureza de intenções, o devotamento leal e desinteressado, mereceram, soubemol-o, a condena e até apodios insultantes dos corifeus e figurantes de seu partido!

Continue o sr. Malvino a fornecer milho sob forma de circulares, discursos, ofertas pecuniárias para levar avante qualquer empreendimento; que o pago lhe será dado na proporção da amostra que acaba de obter no ultimo certamen.

Um lado sympathetic e edificante teve, com tudo, a comédia eleitoral e esse consistiu na manifestação honrosa com que se distinguiu ao marechal Deodoro da Fonseca. Os mil e tantos votos que o aclamaram, sem que precedessem contatos nem propaganda de especie alguma, n'um meio deletéreo como o d'esta capital onde só viciam os empregados públicos, representam outras tantas consciências convictas e esclarecidas que levantam um solenne protesto contra a torpe ditadura exercida pelo chronicó bacharelismo dos governantes.

Ora, se no espaço de poucos dias essa cidadania inesperada progrediu tanto; o que não seria dado esperar-se mediante uma direção inteligente, a arregimentação cordata e a conquista tenaz dos caracteres fracos, vacilantes, incolores e assimilaveis?

Sempre o dissemos e repetimos: Existem esparsos sobrejtos elementos para a instauração de um bon governo; falta somento aproveitá-los, fazê-los convergir a um ponto e constituir com elles a liete demolidor contra o presente estado de cousas.

Este plano é possível; mas quando se realizará?

Quando?

### E. F. DE CANTAGALLO

A bela e rica província do Rio de Janeiro, que alternadamente tem sido pupilla de um chefe liberal e de outro conservador, quando não constituem ambos o conselho de família, chegou ao extremo de andar pedindo dinheiro emprestado para pagar os vencimentos dos funcionários públicos, e afinal desceu a tanta miseria, que teve de meter em leilão o melhor do seu patrimônio.

Console-se a pobre fidalga arruinada com a honra de contar entre os seus protectores um emulo de Byron e um novo Guizot, ambos em brochura, todavia, e com as folhas por cortar.

Considere que rara fortuna é ser de tão perío allumiada pelo esplendor da corte, e aquecida pela regia munificencia, que infunde bravura militar em pacatos roceiros, subitamente coronelizados, e com brasões, a preços pouco superiores aos de Lisboa, concede sangue azul à mestiçagem apatada.

Quanto ao mais... deixe correr o tempo, que a terra é ubere, o sol providente e a chuva creadora. Vide Ayres do Casal e os poetas líricos.

Bens de menores e interdictos são em todo o imperio tratados pelo mesmo processo de simplificação.

As casas dão renda exigua, são sujeitas a imposto, correm os riscos do incendio e da impontualidade dos inquilinos, exigem reparos. Vendem-se.

As apólices só dão 5%; é incommodo receber juros de 6 em 6 meses. São vendidas.

Moveis, créditos e o resto, seguem o mesmo caminho.

Quando ha dinheiro, procede-se inversamente: compram-se imóveis, títulos de renda, etc.

Nada mais pratico, nem mais lisongeiro ao atilamento dos tutores e à condescendencia dos juizes.

Assim foi com a província.

Outro dia provava-se a todas as luzes que ella devia comprar umas estradas de ferro que certos cidadãos desinfectados, e talvez simpáticos, estavam dispostos a ceder por preços ridículos, a troco de dez reis de mel coado, ou de rezas.

A assembléa provincial enrubeceu com a idéia da jactura alheia, desculpou-se e protestou que não queria abusar da occasião, e, depois de muito palanfrio, rendeu-se à senha.

Negocio da China foi aquele: um ovo por um real!

Para logo começaram os protectores da província a reflectir que os cofres estavam cheios de penuria, e o deficit impava viçoso e ameaçador.

Demonstrou-se então com argumentos irrefutáveis que a província não deve ser empresa; que a sua administração ha de ser sempre cara, improdutiva e rotineira.

Ponderou-se que comprar é bom, mas vender não é mau.

A Santo Antonio, o mais antigo capitão do exercito, unico oficial que esteve sempre ao lado do sr. Cotegipe, e que, embora seja general das tropas portuguezas, e dê alojamento a um batalhão brasileiro, não exige dotação como o duque de Saxe, e com ser frade não pede alimentos para os filhos; ao invicto e disciplinado Santo Antonio já houve quem lembrasse a maxima: Quem é pobre não tem vícios.

Não podiam as prerrogativas da província exceder as do beato guerreiro.

Logo, devia-se vender a estrada de ferro de Cantagallo.

Appareceu um comprador caipora, que depois de laboriosas negociações ficou a ver navios.

Appareceram depois a Companhia Leopoldina, filha dilecta e generosa constituinte de alguns respeitáveis chefes políticos; o syndicato cantagallense, e o eterno, o infallível, o insaciável John Bull.

De permeio veio um capítulo das aventuras da Macabé & Campos.

Faltou o governo imperial em nome da estrada de Pedro II, cujos interesses não podem ceder a pretensões provincianas.

Requereram vista dos autos uns conspicuos senadores, e o governo imperial deferiu: como PEDEM.

Tudo isso está de harmonia com o sistema que felizmente nos rege.

Capacidade administrativa temos para dar e vender.

Comprehensão do que é provincial e do que não, é com os nossos políticos e estadistas.

Tudo ia pelo melhor no melhor dos mundos, quando aparece na imprensa o sr. barão de Cantagallo, a quem não temos a honra de conhecer, e faz umas revelações... exquisitas. Exquisitas.

Diz o nobre barão que o presidente da província Rocha Leão, a quem igualmente não temos a honra de conhecer, é todo pela companhia Leopoldina, porque pretende agitar uma candidatura pela província de Minas Geraes.

Assim o administrador da província do Rio de Janeiro promoveria interesse pessoal seu à custa dos cofres confiados à sua guarda.

O caso está previsto no código criminal, e na linguagem vulgar tem classificação que o nobre barão não desconhecerá, mas que a sua pena fidalga não costuma escrever.

Não se pense que a denuncia se explica pelo despeito e enuleração que a concorrência costuma gerar.

O barão é explícito. O syndicato cantagallense não põe a mira no lucro. Quer fazer uma pirraça aos mineiros da Leopoldina. Não é dos bahianos a Bahia? Porque então a Cantagallo ha de servir de jogo a

tantos pretendentes que nada tem com a província do Rio?

O que nos causa magia é o barão deitar na mesa todas as suas cartas, allegando que empenhou-se com varios senadores e deputados da situação para que o patriótico syndicato cantagallense não fosse desviado do louvável sacrifício que com tanta espontaneidade pretendia consumar.

Era occasião de perguntar o presidente se o senado governa a província e administra os seus interesses como quem manda trancar notícias militares.

A mais admirável das revelações do barão é que por trezentos contos tem quem lhe assegure a preferencia na compra da estrada. E acrescenta com ingenua ferocidade não acreditar que o dinheiro seja para o presidente!

Porque o sr. barão não declina o nome do corretor? Era um dever de honra fazê-lo.

Mas, que temos nós com todos esses arranjos, intrigas e desconchavos?

A província do Rio tem protectores que farte, e vae à maravilha. O palácio da presidência não o venderá ella, porque... é de aluguel.

### ESTUDOS ECONOMICOS

#### LIBERDADE E CONCURRENCIA

##### EFFEITOS GERAES

A propriedade das facultades se manifesta pela liberdade do trabalho; a propriedade dos produtos pela liberdade da permuta.

A liberdade industrial e a liberdade comercial, são pois consequencias directas da liberdade individual, de uma lei primordial que domina todas as leis convencionais.

Nós gozamos da liberdade do trabalho, mas espíritos estreitos maniacos, atribuem a esta liberdade, uma parte dos males da sociedade. A concorrência causa-lhes horror!

Estamos ainda privados da liberdade comercial, cujos efeitos seriam os mesmos que os da liberdade do trabalho. — Augmentaria a concorrência e preveniria os abalos, as crises frequentes que experimenta a industria.

Porque, estando abolido o privilegio do trabalho, se conserva ainda embarracada a liberdade comercial?

E' o que vamos examinar, depois de establecermos os factos.

A liberdade de permuta nunca esteve inteiramente paralisada.

Os efeitos da divisão do trabalho eram muito evidentes para que se pudesse pensar em prohibir a um sapateiro de trocar sapatos por camisas ou calças que elle não sabia fabricar; mas, em todos os tempos restrin-  
giu-se a permuta entre os habitantes de uma província ou de um Estado e poz-se em interdição os produtos das outras comunas, das outras províncias ou dos outros Estados.

O trabalho, ao contrario, era universalmente regulamentado.

Ninguem tinha o direito de fabricar um producto qualquer, sem uma autorização especial, sem uma admissão ao mestrado.

Os homens estavam sujeitos à servidão; os operarios ao jugo do mestre; e todos sentiam

a humilhação d'esta posição, tanto mais dura quanto, para se elevarem, careciam de recorrer à intriga, à dobrez, à submissão, acontecendo as mais das vezes, ser a ignorância um título de mérito.

Tão revoltantes eram os abusos do mestre do que bastou o primeiro choque da revolução de 1789 para derribá-lo.

Outras são as peias commerciaes. O mal que elas produzem dividem-se de modo infinito e nem todos o conhecem. Longe d'isso, os privilegiados conseguem fazer crer às massas que elas são interessadas na manutenção das restrições, e aos governos, que estas são indispensáveis à actividade do trabalho.

A colecção das leis restritivas tem o nome ilusorio de *sistema protector*.

Outr'ora as restrições se estendiam de comuna a comuna, ou, pelo menos, de província a província.

A superficie do mundo civilizado estava coberta de individuos que se oppunham à circulação dos productos, ou que exigiam um fóro para autorisá-la.

Percebeu-se por fin, que todos esses individuos, viviam a custas dos que trabalhavam, os quais prestavam muito mais serviços.

Comprehendeu-se que em um Estado, cada província possuia riquezas naturaes, das quais era possível fazer gosar toda a nação.

Assim, umas são ricas de mineraes e outras de cereais.

Prohibida a troca d'esses productos, privava-se cada província do goso de certas riquezas naturaes e forçava-se a que reciprocamente elas deixassem enterradas ou perdidas aquellas de que não podiam dispôr.

D'esse sistema de restrições interiores restam ainda alguns vestígios nos *octrois* das cidades europeias e nos nossos direitos províncias.

Mas o que se comprehendeu para as permutas interiores, recusa-se obstinadamente a aplicar ao commercio internacional, tão bem caracterizado por um economista inglez: a divisão territorial do trabalho.

A natureza não conhece essas mesquinhias divisões do globo em nações, divisões caprichosas que se modificam a cada choque brutal da força armada. A Providencia repartiu seus dons sobre toda a superficie da terra como se ella fosse habitada por irmãos; variou os productos do solo e as proprias faculdades do homem segundo os climas. A riqueza geral torna-se tanto maior quanto melhor for o partido tirado das riquezas naturaes da aptidão tão variada dos homens.

Porque e como as diferentes nações põem obstáculos à liberdade do commercio, são dous pontos importantes que vamos estudar em subsequentes artigos.

G. C. M.

## NOTAS

### PESAMES

O nosso amigo Cândido Luiz de Andrade passou pelo doloroso transe de perder sua gentil filha: Marieta, de onze annos de idade. Aceite os nossos sinceros pesames.

### Entre Conservadores

Devemos uma reparação ao illustre sr. Andrade Figueira.

Quando dissemos que a sua excellencia só faltava o fanatismo religioso para ser conservador do mais puro quilate, ignoravamos que o nobre deputado tinha tido a sua visão do terceiro reinado. Não conheciamos o discurso em que o sr. Figueira declarou que desejaria dotar largamente o orçamento dos cultos, para difundir a instrução religiosa, e contrabalançar o estudo das sciencias naturaes que tudo tem pervertido.

Ora emfim! Temos um conservador.

Só falta que rectifiquem os seus ditos a respeito do duque de Saxe.

### Um tico de reforma eleitoral

O sr. Rodrigo Silva, ministro da agricultura, como deputado e não como ministro, apresentou também a sua reforma, alterando somente a lei eleitoral relativa à eleição de deputados provinciais, cuja má composição é devida, disse s. ex. a defeitos da lei.

Não ha dúvida; mas os defeitos da lei não afectam só as assembleas provincias, s. ex. o reconhece, mas também a cámara dos deputados onde pullulam as mediocridades de campanario, os illustres desconhecidos, caudatários inconscientes de todos os governos, os eunuchos, emfim.

Ora sr. Rodrigo Silva, pois v. ex. vao incomodar seus amigos com uma reforma tão insignificante, um tico que não será capaz de produzir os efeitos desejados? Uma medicação em dose homeopatica para experienciar e sob o título da moda ministerial — questão aberta! A reforma de s. ex. é mais obscura que qualquer dos illustres e dignissimos... São incompreensiveis estes homens. Só os srs. bispos os poderão comprehendêr.

×

### As opiniões diocesanas

Este sr. de Cotegipe é dos diabos.

S' bem o que elle fez? Como a despeito do desacordo em que s. ex. se manifestou com o sr. de Mamoré, o senado aprovou o projecto acerca dos vigarios encomendados, s. ex. Cotegipe pediu a todos os bispos que lhe fizessem manifestações a respeito. E eis os srs. bispos aprovando o sr. presidente do conseho e contrariando o sr. de Mamoré! E o arcebispo da Bahia chega a dizer o que o sr. de Cotegipe quis que elle dissesse: que se a lei sobre os vigarios for decretada, não será cumprida pelos bispos do Brasil. E tudo isso publicado no *Diário Oficial*.

Bem feito sr. Ambrosio (B. de Mamoré), bem feito! Quem lhe mandou ter opinião? Não sabe que o ministro real d'este gabinete é o sr. de Cotegipe? Não sabe que s. ex. é o unico que tem cabeça, a cabeça unica que criou juizo? Afóra o sr. presidente do conselho, todos os demais srs. do executivo são sombras de ministros, são fleções. Quem lhe mandou não conhecer o seu lugar, sr. de Mamoré? Aprenda!

×

### Interpellação

Sob a forma regimental o Sr. Afonso Penna interpelou ao governo sobre os motivos do adiamento das assembleas provincias da Bahia e Rio Grande do Sul.

Quem dos dois brônzes assignalados irá responder ao sr. deputado?

O ministro do imperio ou o ministro estrangeiros?

Com certeza, o ministro dos estrangeiros, o verdadeiro dono da pasta do imperio e de todas as outras e o unico sabedor dos negócios publicos.

×

### Crista cahida

Andam todos de crista cahida n'esta cidade e sítios a ljacentes! Tudo jururú! Uma tristeza de perú com gosma. Olham todos uns para os outros, com uns olhos pisca-pisca, a lacrymejar, como quem prevê a maior das catastrophes nacionaes.

— Está e continua doente o sr. Coelho Bastos.

×

### Eleição senatorial de Minas

Por terem morrido grande numero de eletores liberaes de Minas, a chapa conservadora vai, levando a contraria de vencida.

Que caiporismo da sorte! A cruel parca escolher para sua ceifa sómente eletores liberaes, deixando incolumes e vigorosos os conservadores!

Os imperterritos liberaes mineiros foras de combate por tão implacável destino, como haviam de votarem seus amigos. Só assim os cascudos fariam senador.

Já não existem muitos e muitos dos que deram ganho de causa na ultima eleição senatorial ao sr. Cândido de Oliveira.

Só por uma força maior de tal ordem, o sr. Manoel José Soares vai ser um dos da lista triplice; — senão, não.

Pobres eletores liberaes! Morrestes Quanta falta fazeis. Morrestes de morte macaca! A terra vos seja leve!

### Os boatos de guerra

Falla-se muito de guerra.

A que se annuncia é contra a Republica Argentina. Este sestro do apelidar os vizinhos de inimigos resente-se do atraso e curancismo de idéias em que vivemos. Mas isto serve perfeitamente os designios e desejos do imperialismo: Procurar um derivativo às aspirações nacionaes, bem como firmar o prestigio da soldadesca que é a primeira escora do trono. Nós temos tanto de americano como os Laponios de europeu. Creamos em todo caso fantasmas para termos o gosto de derrocalos. A guerra favorece a ambição dos poderosos, que são os que nada arriscam e tudo lucram. As grandes, nomeações, sinecuras recabem no círculo dos conhecidos e predilectos. O povo é que suporta as faxinas e marcha na vanguarda. E' muito facil acirrar a veia patriótica. Basta fazer circular boatos que ninguém desmente. Os mastins policiais encarregam-se de qualquer serviço, por mais infame que seja. Os correspondentes de certas folhas, veteranas no embuste e na pilhagem, são os addidos das legações nos países estrangeiros e de lá cumprim religiosamente a seuha de um governo composto de bachareis, advogados administrativos e chicanistas.

Venha a guerra. Além das erises sobre estantes, da lavoura, do commercio e das industrias, haverá hecatombes de vidas. Que bello espectáculo vamos oferecer ao mundo! Povos irmãos que se dilaceram. Proven ao menos que a provocação partio dos intitulados adversarios; que esgotaram-se os meios diplomáticos e suas orações; que a offensa ou afronta é provocada pelo inimigo e que não realiza os almejos de um odio inveterado; que, se formos levados a arrasar um segundo Paraguay, os nossos sentimentos repellem esse desenlace e que não se alberga em nossas consciencias nenhum instinto que nos equipare ao autorata russo farejando novas Poloniias nos povos enfaquecidos que o rodeiam.

Quando não seja por espirito de fraternidade, cumpre ter presente que doze milhões de individuos devem empreger longanimidade em face d' tres milhões somente.

Esta é que é a verdadeira conducta a seguir-se. Deixem os bachareis tagarelar. Um senador houve que mostrou todo enfusado do ardor patriótico ao denunciar que os argentinos já não se limitavam a aggravar as tarifas dos generos procedentes do Brasil, mas ostentavam aprestos bellicos. E' caso de repetir-se o proloquo: proclamador, tu não me enganas... E se fizermos escavações, talvez que acertemos em descobrir o fio da meada. Sem irmos mais longe, temos um exemplo na questão Waring Brothers...

×

### 14 de Julho

Com solemnidade esplendida, comemorou a colonia francesa d'esta capital o 98º aniversario da queda da Bastilha em Paris.

E' esta a data nacional da Republica França, considerada o dia da liberdade da França, o dia da sua independencia. E' a data que todos os povos civilizados devem comemorar, como se fôra um acontecimento histórico de seu proprio paiz.

A revolução de 1789 não redimiu somente a França, mas quasi toda a Europa dos gregos do captiveiro do absolutismo monarchico e feudal, e animou as colonias da America, ainda submettidas ao jugo da Espanha e Portugal, a quebralos, constituindo-se em nações autonomas.

As monarchias temperadas, tales como existem hoje, foram um progresso, resultado das conquistas dos revolucionarios de 98; mas em face do adiantamento das ideas, dos conhecimentos modernos e das aspirações da humanidade, as monarchias actuaes são ainda outras tantas Bastilhas que os povos têm de derrocar para sobre elles firmarem a sua verdadeira e completa liberdade.

No Brasil especialmente, o povo tem necessidade de metter com todo o esforço os homens à demolição da sua Bastilha, que é o imperio, do imperio que é a monarchia, a realeza.

Precisamos também ter o nosso 14 de Julho, tanto mais indispensável, tanto mais urgente quanto a oligarchia e os feudos existem de facto em nosso paiz, e fazendo monopolio da vida e dos recursos nacionaes, deixam ao povo a unica condição possivel: a de escravos, de mendigos.

Abaixo a monarchia a Bastilha da America.

### Juiz de Fóra

N'esta importante cidade de Minas vai ser inaugurado em dia do proximo mes o Hospital de Caridade, levantado a esforços quasi exclusivos do Dr. Ernesto Braga, nosso distinto correligionario.

Neste empenho, digno do maior louvor, tem o esforço republicano sido auxiliado pelos seus conterraneos e notadamente pelos seus correligionarios e pelo sympathico periodico *A Propaganda*, que tem a felicidade de viver em uma cidade, onde existem realmente republicanos dedicados, leaes e intransigentes.

+

### A Epidemia da bexiga

Ha muito tempo que a população d'esta capital é affligida e victimada pela varíola que a dizima espantosamente; mas o governo imperial, porque sempre é governo imperial, nenhuia providencia tem tomado para alliviar os sofrimentos do povo, e evitar a propagação do mal.

A epidemia tem-se propagado de modo assustador, tem povoados abundantemente os cemiterios, tem persistido e persiste, fazendo os maiores estragos, devido à incuria, à relaçao do governo e da sua inspectoria de hygiene. A tal ponto chegou tal relaxação, que a epidemia, tem augmentado sempre de forças, e não ha sequer lugar onde coloquem-se, tratarem-se os doentes! Uma verdadeira lastima, uma miseria, uma vergonha.

O governo tem revelado a mais criminosa imprevidencia.

A bexiga assola a cidade do Rio de Janeiro e seus arrabaldes e o sr. ministro do imperio e sua repartição de saude comportam-se como se a saude publica nada sofresse.

Como os srs. ministros e membros da inspectoria de hygiene acreditam que a epidemia respeitará as suas dignas pessoas altamente collocadas, ss. exas. não se movem em favor do povo; ss. exas. passam muito bem, encham muito bem suas barrigas, moram em bellas casas, cercados de todas as comodidades e recursos; não se lembram, portanto de seus deveres em face da uma situação anormal e critica da populacão fluminense.

O povo que attente bem para a solicitude com que o governo da monarchia acode aos seus sofrimentos.

Impostos e mais impostos, para saciar a voracidade dos politicanos de todas as categorias; eis em que os nossos governos são activos em exigir do povo.

Muito bem! muito bem!

+

### A Corte

Fóra de toda duvida, ja sabe o publico que temos n'esta capital um novo jornal que se intitula *A Corte*? Certamente sabe como nós, pela noticia que deram os diarios d'esta cidade. Pois esse jornal, cuja publicação é bimensal, isto é de 2 em 2 meses, chama-se *A Corte*, representante, portanto, da corte, queremos dizer, da gente do paço, de tudo que compõe a corte imperial, dos grandes e dos meudos fardados, agalhados, encasacados, titulados e decorados, dos quais nos dá minuciosa relaçao em muitas paginas, o *Almanack de Laemmert*.

E o mais interessante, o engracadissimo, é que toda essa gente illustre e reluzente, toda essa gente cortezã vai apparecer-nos no seu jornal *A Corte*, sob o aspecto critico, artistico, literario e recreativo. Sabem por que? Porque está em vagatura, sua magestade não está presente; elles estão, portanto, ás moscas; e para divertir s. a. a regente e ao publico e encher o tempo, deliberaram representar todos esses papeis: critico, artistico, literario e recreativo, e isto somente de 2 em 2 meses. Antes fosse bi-diário, em lugar de bi-mensal. Ha quem pensa que devia ser trimensal como a *Revista do Instituto Historico*.

Emfim, melhor é que os senhores da corte dêem para criticos, etc e tal, do que para atrair pâdras. O Mucio ha de ser por força dos d'*A Corte*, visto que pertence á corte imperial. Post Scriptum. — Ch'ga-nos n'este momento o peri-dico, ao qual acabamos de referirnos, trazido pelo correio, e b-m merece que façamos *anima honorabil*, declarando que acham o muito digno de ser lido e um valente lutador em favor do progresso. A que nos expõe a synonimia das cousas! Esta f'ita resalva e pedimos que nula aceitem.

*Post Scriptum.* — Ch'ga-nos n'este momento o peri-dico, ao qual acabamos de referirnos, trazido pelo correio, e b-m merece que façamos *anima honorabil*, declarando que acham o muito digno de ser lido e um valente lutador em favor do progresso. A que nos expõe a synonimia das cousas!

## CLUB REPUBLICANO FLUMINENSE

Deve em breve ter lugar a instalação pública de mais esta agremiação democrática cujos estatutos damos à publicidade e bem assim a relação dos seus sócios já inscritos; a sua Diretoria ficou composta dos seguintes cidadãos:

PRESIDENTE. — Quintino Bocayuva.

VICE-PRESID. — Dr. Julio Borges Diniz.

1<sup>o</sup> SECRETARIO. — Fidelis Lemos.

2<sup>o</sup> — A. de Faria.

THESOUREIRO. — Julio de Freitas.

COMISSÃO FISCAL. — Dr. Luiz Mural,

Dr. J. Ant. Per. de Magalhães Castro,

Dr. Alberto de Seixas Martins Torres,

Luiz Leitão,

Jacinto Pinto de Lima Junior.

SUPPLENTES. — Dr. M. Timóteo da Costa,

José Antônio Gomes da Silva.

## C. VILISACÃO NACIONAL

Risar, borrar, sujar de qualquer modo, as paredes dos prédios, quando caiadas ou pintadas de novo.

Ilumeder todos os cantos e recantos da cidade, abandonando completamente os mictórios.

Quebrar o gradeamento das praças e dos templos e inutilizar os bancos e os arvoredos dos jardins públicos.

Furar com a bengala ou com a ponteira do guarda chuva a palhinha das cadeiras das estradas de ferro, barcas, etc.

Cortar com o canivete o marroquim das referidas cadeiras quando são de estôfo.

Esburacar as paredes, nos lugares em que há pinturas bonitas, como adórnos externos de certas casas de negócios.

Arrancar as plantas que embellesem o gradeamento de jardins particulares.

Fazer das calçadas salas de conversação, para obrigar os transeuntes a procurarem o meio da rua.

Cuspir para a frente com força, embora faça-se alvo da casa ou da roupa do próximo.

Dar soios a torto e a direito, de modo a que todos se distraiam dos negócios em que andam nas ruas.

Tomar-se o bond, no banco em que se estiver a mesma postura e commodidade que em uma poltrona e em casa; sem se importar com o incomodo que isto possa causar aos outros.

Dirigir pilherias a qualquer mulher, na rua; acompanhá-la mesmo, sem attender à sua condição social.

Sacudir tapetes das grades dos sobreiros para a rua.

## SEÇÃO LITTERARIA

## MAYAR

Aquelle que alli passa é um feliz. Dizem-nos todos. Dizem e pensam-nos. Entretanto se alguém pudesse de perto divinhar os seus pensamentos e conhecer a sua vida, que poema de amarguras intermináveis, de sofrimentos sempre vivos, não leria em cada fibra de sua alma!

A aspiração, que é ainda menos que a esperança, eis tudo quanto encontraria n'aquelle alma, já embaciada pelo halito de mil despeões.

Tudo n'elle se vai aos poucos fazendo em ruínas. As idéas nascem já queimadas pela descrença. As próprias esperanças, miseras florinhas, desabrocham geladas já.

Ha em tudo que é d'elle um pouco do frio dos tumulos.

E não ha destino! E tudo depende da vontade humana.

Pois se elle trabalha como os outros, se elle se dedica, quer, porque tudo lhe será adverso, porque encontra elle em cada cousa, em cada facto, em cada homem, no sol e nas estrelas, um inimigo!

Nasce d'ahi a superstição ou o scepticismo, as duas linhas de um angulo que tem por vértice a desgraça. Este é o ponto de encontro e é o ponto de partida.

D'ahi a inveja, o rancor mudo, encerrado dentro do coração como dentro de um carcere ardente.

Todos os outros homens têm sobre si uma particular d'esse odio immenso, occulto e grandiosamente covarde.

D'ahi as trevas. D'ahi o suicídio e o assassinato, o roubo e o incêndio.

Cada facto d'estes é quasi sempre uma vingança. Vae grande distancia da vingança ao crime. A vingança é a paz. O crime é o medo.

A vingança é o prazer. O crime é o remorso. A vingança é um castigo. O crime é o crime.

O mundo é como uma grande orchestra. São precisos instrumentos diversos para produzir a harmonia — a alegria e a dor, a felicidade e a desgraça, o riso e a lagrima.

Para este concerto immenso, universal e eterno, é preciso que muitos sofram, que tenham fome uns, que sejam cegos outros. E' necessário que haja a morte e a vida. São precisas todas as misérias e todas as desgraças para que seja completa a harmonia.

Mas, quem distribue os papeis d'este drama que já dura há trinta séculos?

Mas, porque negar-se o direito de revolta aos que tem a desgraça por destino?

E. ARITA.

Mas... eu vi-te honlém, bella, esplendida, risomha,  
Depois de longa ausência, após saudades crasas;  
Cômodo a roscada aurora, apôs noite medonha,  
Eu vi, brilhar eufilim as rosas faces tuas.

No s'io do esplendor que ao corpo teu reveste  
Como eu te contemplava e te adorrei fervente!  
Viu do teu olhar angelico, celeste  
Do meu amor: orvalho, e sol resplandecente,

Tu vieste, Maria; o pranto da tristeza,  
Ao verte, tristezou-s, em risos de alegria:  
Cantou em coração, cantou a natureza  
E o canto apasado — amor te repetia.

J. S.

## MAYAR

II

## A FORÇA DO DESTINO

X

## O INESPERADO

Quatro annos depois do encontro do tenente Lins e Juliana, cerca das 10 horas da manhã, a criada da viúva annuncia-lhe a presença de um oficial do exercito que desejava falar-lhe.

— Official do exercito? Quem é?

— Não conheço, não, senhora; diz que é o sr. capitão Boacica.

— Capitão Boacica... Também não sei quem é; não conheço militar nenhum. Que me quererá?

— E' moço ou velho?

— Moço, bonito.

— Manda-o entrar; vou já.

Depois de ter ido ao toucador passar em revista a physionomia e o penteado, dirigiu-se Juliana à sala para receber o visitante.

Mal apareceu ella, o oficial pôz-se em pé, comprimentou-a, encarando-a com ar prazenteiro e olhar penetrante como quem attenta o efeito que produz a sua presença e a recepção que vai ter.

Ella saudou-o igualmente à distancia, envolveu-o todo n'um olhar rápido, encarou-o por sua vez procurando reconhecer, se esse movimento de emoção que se revela por uma forte aspiração de ar subitamente cortada pela surpresa ou pelo susto, e recuou um passo.

— Juliana! não me conheces! — disse-lhe o oficial aproximando-se d'ella e segurando-lhe as mãos.

A viúva tinha diante de si um homem de cerca de 35 annos, de regular estatura, de physionomia bella, insinuante, rosto pequeno, ornado de bigodes finos e sedosos e cavaignac longo, cutis fina, tostada pelo sol, olhos pardos, vivos e cabellos castanhos, curtos. Estava correctamente fardado, com esmero e espada pendente do talim e trazia ao peito uma insignia coadecorativa.

A bizarra presença do oficial impressionara vivamente o espírito de Juliana; mas fazendo um esforço sobre si mesma e retirando suas mãos das do seu interlocutor, respondeu-lhe:

— Não senhor; não tenho a honra de conhecer o sr. capitão. Que deseja de mim V. S.

— Tens razão Juliana; mas, peço-te somente o favor de me ouvires alguns momentos; depois darás tua sentença...

— Sentença? Sr. capitão, queira desculpar-me; mas eu não sou juiz em causa alguma.

— Vais ser agora na minha causa, se quizeres fazer-me o obsequio de attender-me; não te roubarei muito tempo.

— Mas porque hei de ser eu e não outra pessoa o juiz que o sr. capitão procura?

— Porque estou certo de tua imparcialidade e tenho todo o interesse em que sejas tu o meu juiz.

— Verdade seja que V. S. falla-me com muita familiaridade, o que atribuo a defeito da militância; mas V. S. engana-se, não me conhece; está confundido. Isto não é commigo, sr. capitão.

— Juliana, eu te supplico; põe de parte o teu ceremonial. Podes castigar-me com todo o rigor; mas faze-o com franqueza, abertamente depois de me ouvires, se julgares que o mereço. Sabes quem sou, de prompto reconheceste-me.

— Sei que V. S. é o sr. capitão, porque vejo as suas divisas, e que é Boacica, porque fez-me a fineza de o declarar; mas, repito, não tenho a honra de conhecer o sr. capitão Boacica.

— Ah!... mas espera, saberás tudo já. E' verdade que deves guardar forte resentimento contra mim; talvez me odeies e me desprezes; talvez não te tenhas lembrado de mim, senão para maldizer-me. As apparencias condennam-me, mas os factos explicados justificam-me.

— Justificam-lhe? retorquia Juliana comprimindo um impeto, — não comprehendo, sr. capitão; não sei de que se trata.

— E' o que vou dizer-te.

— Mas... antes de tudo, como soube V. S. de minha residencia?

— Soube-o na província, do onde acabo de chegar. Fui obter notícias tuas nas Alagoas e Santa Luzia do Norte.

— Andou, então, a procurar-me na província? E' extraordinario! Estou alheia! Não comprehendo tanto interesse...

— Muito natural para quem não traz consigo o coração...

— Aí! aí! Caso nunca visto. Sem um pulmão, dizem os medicos ser possível viver, assim como sem um olho; mas sem coração...

— Muito natural para quem foi separado de ti à força e por surpresa...

— Como? exclama Juliana dando um salto.

—... e obrigado a te não ver por tanto tempo, contra sua vontade.

— Separado de mim à força e por surpresa? Isto é um sonho de V. S. Não sei que história é esta.

— Fui separado de ti à força e por surpresa; foi uma vingança do sr. tenente Lins.

— Oh!... de novo exclama Juliana, estremecendo isto é novo para mim.

Juliana via não poder mais sustentar o seu papel. Diante da revelação que começava de fazer-se e que assás a interessava, ella sentia que a desarmavam.

— Ah!... minha querida! Em quanto me julgavas um ingrato, um indigno, um miserável; em quanto maldizias-me...

— Não, não. Nunca!

—... eu chorava por ver-me separado de ti, padecia misérias e tormentos incríveis.

— Oh, senhor! Isto me espanta. Não atino como tais cousas podiam succeder-se.

— Muito facilmente para quem nos quiz fazer victimas d'ellas. Em uma palavra, Juliana, eu desapareci da noite para o dia das Alagoas porque fui recrutado.

— Recrutado! Oh!... pois tu foste recrutado? E como nunca se soube? Como ficou isto em segredo. Oh! senhor! é muita maldade. Não houve ninguem que suspeitasse semelhante cousa.

— Mas, é verdade! Fui recrutado. N'isso teve parte, como já te disse o sr. tenente Lins. Foi um trama uredido por elle e seus amigos. D'esse modo elle vingou-se de mim e de ti.

— Com efeito! Nunca tal me ocorreu!

(Continua)

## SEPARAR PARA UNIR

Onde estamos?

Silencio precursor de grandes acontecimentos reina em todas as províncias desde que o Gironde deixou a bábia do Rio de Janeiro, levando em seu bôjo o esqueleto da monarquia. Os tres partidos observam-se sem orientação, medindo suas forças e perguntando cada um a si proprio: quando e como principiará a luta suprema?

O governo da Regente vacila, desconhecendo o terreno que pisa. Volta-se à direita, à esquerda; percorre com a vista a região celeste; pede inspirações à musa galhofeira e contempla um tanto receoso a immobilidade de sua estrela polar.

A Regente, obrigada por interesse dinástico a deixar partir seu velho paê physica e moralmente desorientado, concentra-se em si propria, esperando do telegrapho qualquer noticia importante, scentilha de luz que a esclareça sobre o caminho a seguir.

As negras sotainas, por largos annos protectoras da instituição negra, agitam-se em varias províncias, libertam seus escravos e promovem geral emancipação em curto prazo: ao passo que o governo mostra-se escravista decidido, embora sem coragem de matar a propaganda, nem de punir os que a favorecem, como o chefe da polícia de Minas.

Os militares congregam-se politicamente e juram promover o casamento civil, a grande naturalização, o federalismo e outras reformas.

E os representantes da nação calam-se.

E trévas espessas nos circundam.

E o Gironde lá vai sulcando gravemente os mares, consciê de levar na sua real camara a bomba, cujo estouro ha de alumiar-nos a todos.

Nós republicanos devemos marchar desembocadamente, adoptando o programma bem definido que os actuaes acontecimentos claramente indicam: — revolução, separação, federalismo.

Pela revolução alcançaremos a ordem.

Pela separação a liberdade.

Pelo federalismo a união.

Pensam, talvez muitos que uma nação é tanto mais poderosa, quanto mais vasto é seu território, maior sua população, mais concentrado seu governo, Raciocinemos.

(Continua)

Nietro (Lvs).

**PROJECTO DE ESTATUTOS**  
**DO**  
**CLUB REPUBLICANO FLUMINENSE**

**DOS FINS DO CLUB**

- Art. 1. A agremiação republicana denominada Club Republicano Fluminense tem por fins:  
 § 1. Auxiliar e desenvolver a propaganda das idéias democráticas na cidade e Província do Rio de Janeiro,  
 § 2. Favorecer e obter a criação de núcleos com a mesma orientação na província.  
 § 3. Promover o alistamento eleitoral dos seus membros e dos cidadãos conhecidamente adhesos aos princípios democráticos.  
 § 4. Estabelecer entre os seus sócios a maior solidariedade possível, instituindo para isso a proteção mutua como um dever de cada um.  
 § 5. Manter, quando possível, uma publicação destinada a servir à propaganda democrática.  
 § 6. Coadjivar sempre que lhe seja possível todas as outras agremiações democrático-republicanas.

**DOS SÓCIOS, SEUS DEVERES E DIREITOS**

- Art. 2. Constituem deveres para os seus sócios:  
 § 1. Contribuir com uma mensalidade de 28000 e um donativo que ficará à sua generosidade.  
 § 2. Observar e respeitar as determinações tomadas pelo Club e pelo partido republicano.  
 § 3. Concorrer directa ou indirectamente para as publicações que por ventura faça o Club.  
 § 4. Votar, ser votado e servir nas comissões ou cargos para que tenha sido eleito ou nomeado.  
 § 5. Praticar toda a fraternidade possível para com seus consócios e correligionários.  
 § 6. Comparecer às suas reuniões.  
 Art. 3. Constituem seus direitos:  
 § 1. Discutir e julgar os assuntos sujeitos à deliberação do Club.  
 § 2. Utilizar-se das diversões que proporcione o Club.  
 § 3. Propor e indicar, segundo os trâmites legais, as medidas que julgar convenientes para o desenvolvimento do Club e da propaganda democrática.  
 § 4. Ser julgado por seus pares, no caso de suspensão ou eliminação em que haja incorrido e lhe tenha sido ordenado pela Directoria.  
 Art. 4. Os sócios residentes fóra da Corte, poderão fazer-se representar nas decisões do Club.  
 Art. 5. Será porém n'este caso necessário que o seu procurador seja sócio do Club.  
 Art. 6. Somente poderá ser sócio efectivo do Club, o cidadão fluminense republicano e que aceite as doutrinas do manifesto de 3 de Dezembro de 1870.  
 Art. 7. Sempre que 15 sócios quites o requeiram deverá a Directoria convocar o Club em Assembléa Geral.

**DAS REUNIÕES DO CLUB**

- Art. 8. As reuniões do Club serão de duas naturezas: Assembléas Geraes e sessões deliberativas.  
 Art. 9. As Assembléas Geraes versarão exclusivamente sobre matéria administrativa e serão ordinárias e extraordinárias.  
 Art. 10. As Assembléas Geraes ordinárias terão lugar no fim de cada ano social e n'elas serão lidos e submettidos a julgamento o relatório dos trabalhos do Club e o balanço e contas da Thesouraria.

- § 1. Para exame d'esses documentos e actos a Assembléa Geral nomeará uma comissão de tres membros que deverá formular seu parecer.  
 § 2. A duração de cada período administrativo será contado de Julho a Junho.  
 § 3. A primeira Assembléa Geral ordinária deverá ter lugar nos primeiros dias do mês de Julho e n'ella deverá ser nomeada a comissão de exame.

- Art. 11. As Assembléas Geraes extraordinárias serão as que fôr d'esse período necessário a Directoria convocar para negócio urgente.

- Art. 12. As sessões deliberativas serão quinzenais e terão como objectivo tudo o que interesse à propaganda democrática.

- Art. 13. O numero necessário para as deliberações das Assembléas Geraes será o de um terço dos sócios quites na ocasião da convocação.

- Art. 14. Em 2.ª convocação as Assembléas Geraes funcionarão com qualquer numero.

- Art. 15. As deliberativas (sessões) funcionarão com qualquer numero.

- Art. 16. Todas as deliberações do Club serão tomadas por maioria de votos.

- Art. 17. Só poderão tomar parte nas Assembléas Geraes os sócios quites da mensalidade relativa ao mês em que for feita a convocação.

**DA ADMINISTRAÇÃO DO CLUB**

- Art. 18. A administração do Club será confiada a uma Directoria que se comporá de um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro e uma comissão fiscal de cinco membros.

- Art. 19. Os deveres dos funcionários da Directoria, inclusive a comissão fiscal, serão determinados no regulamento interno, que regulará também a ordem a observar nas reuniões do club e a penalidade pelas infrações dos presentes estatutos.

- Art. 20. A Admissão de sócios só poderá ser feita por proposta, a qual será entregue à comissão fiscal a qual syndicará e resolverá.

- Art. 21. A comissão fiscal não poderá reter por mais de 15 dias qualquer proposta sem resolução.

- Art. 22. As resoluções da comissão fiscal não terão apelação.

- Art. 23. As comissões de representação do Club serão nomeadas pelo presidente.

**DISPOSIÇÕES GERAES**

- Art. 24. O Club terá quando possível, um salão onde haverá as diversões que julgue a Directoria necessárias.

- Art. 25. Serão eliminados os sócios que durante 6 meses deixarem de pagar suas mensalidades; exceptuar-se-ão porém d'essa pena os que por ausência fôrçada de seu domicílio ou falta de meios temporaria o não possam fazer.

- Art. 26. Para adquirirem as imunidades do artigo precedente deverão os interessados fazer comunicação por escrito à comissão fiscal, que resolverá e comunicará à Directoria.

- Art. 27. Todas as lacunas dos presentes estatutos poderão ser preenchidas no regulamento interno.

- Art. 28. O regulamento interno, e bem assim todas as modificações e ampliações do mesmo, deverão ser julgados por Assembléa Geral.

**ANNUNCIOS****BIBLIOTHECA THEATRAL**

Collecção de peças de teatro que mais voga tem feito nos teatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE E SPECTACULO

**Peças de Arthur Azevedo**

Faliza, opera burlesca .....	18000
A princesa dos Caju-ruas .....	18000
Abel, Helena .....	18000
A filha de Mari, Angú .....	18000
A casadinho de feste .....	18000
Jerusalém libertada .....	18000
Por um triz coronel, proverbio em 3 actos .....	8500
Amor por annexins .....	8500
Uma vespera de Reis .....	8500

**Eduardo Garrido**

Bocaccio .....	18500
Viagem à lua .....	18000
O jovem Telmaco .....	18000
A Míssele .....	18000
Os sinos de Corneville .....	18000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos .....	18000
Os Trinta Botões .....	8500
Por um triz .....	8500
Quasi que se pegam! .....	8500
Um alho .....	8200
O meu amigo banana .....	8200
A bengala .....	8200

**Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferão**

As duas orfãs, celebre e importante drama em 5 actos .....	18000
Aimé ou o assassino por amor, bello drama .....	18000
A Judia, notável drama de Pinheiro Chagas .....	18000
A morgadinho de Val-lôr, pelo mesmo .....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes .....	18000

**Comedias, com e sem damas**

Antes do Baile, comedia em 1 acto .....	8500
Judas em Sabbath d'Alcânia, e lebre e comedia de costumes nacionais por Penna .....	8500
Os dois ou o inglez machinista, pelo mesmo .....	8500
A Morte de Galo .....	8500
Quasi ministro .....	8500
A joia das joias .....	8500
Um diabrete de 16 annos .....	8500
Um idioma .....	8500
Uma prima e tres bordões .....	8500
Um quarto com duas camas .....	8500
Os magões e o bispo .....	8500
Club Godípan .....	8500
Dous atraç de um .....	8500
Beata de mantilha .....	8500
Bolsa e Cachimbo .....	8500
Um marido victimas das modas .....	8500
Uma criada impagável .....	8500
Quimes de um velho .....	8500
Resonar sem dormir .....	8500
Por um triz .....	8500
A ordem é resonar .....	8500
O diabo a quatro n'uma hospedaria .....	8500
Uma experiência .....	8500
Os dous caníbidos .....	8500
A cida do Manel .....	8500
FFF e RRRT .....	8500
Baptizado e casamento .....	8500
Architecto das moças .....	8500
Tribulações d'um e tudante .....	8500
Quasi que se pegam .....	8500
As saias das edejas e as calas das sulas .....	8500
223 por 223 .....	8500
A monomania .....	8500
Um quadro de casados .....	8500
Uma cena no setor de Minas .....	8500
O diabo atraç da porta .....	8500
Scenas na Foz .....	8500
Dous criados felizes .....	8500
Enviado de Roma .....	8500
Embrulhada familiar .....	8500
Fabia .....	8500
A morte de Catimbão .....	8500
Falta de miudos .....	8500
Gravata branca .....	8500
Mania franco-prussiana .....	8500
Matei o Chim .....	8500
Nova Castro .....	8500
Nas horas das consultas .....	8500
A saia balão .....	8500
Veterano da independencia .....	8500
Art., patria e caridade .....	8500
Os deuses do casaca .....	8500
Os dois amores .....	8500
Dous flingidos .....	8500

**Outras peças de teatro**

Geraldo sem pavor, ou a tomada de Evora, drama historico e raro .....	38000
O homem da mascara negra .....	18000
29 ou honra e gloria .....	18000
Os dois renegados .....	18000
A viúva das camelias .....	18500
Amores de Roberto .....	18000
O avarento .....	18000
Alonso e Cora .....	8500
Os inimigos .....	18000
Escravo fiel .....	18000
Britânicco .....	18000
Os bandidos, traducção do Dr. Mello Pita .....	18000

Typ. d'A DEMOCRACIA.